



Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

## A SÁTIRA AOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE CAROL GALAIS

Ediliane de Oliveira Boff

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

### RESUMO

O texto aborda a representação feminina nos quadrinhos da artista e cientista política espanhola Carol Galais. A quadrinista realiza sátiras aos estereótipos de identidade de gênero, especialmente no que tange a sexualidade e a moda femininas. Carol Galais não possui uma obra extensa de quadrinhos, sendo atuante no cenário espanhol de fanzines. Suas criações, que em grande parte apresentam personagens mulheres, possuem viés crítico a respeito do comportamento feminino/masculino. Nesse texto realizaremos uma leitura hermenêutica (John B. Thompson) de algumas histórias da autora, com o intuito de interpretar/analisar como o feminino é apresentado nas figuras de humor desenvolvidas pela artista. Grande parte da sátira realizada por Carol Galais pode-se compreender a partir do conceito de *micromachismo*, salientado pelo psicanalista Luis Bonino (2004). Para o autor os micromachismos são práticas sensíveis que geralmente não recebem punição judicial, pois não são agressões violentas, e que estabelecem pressões sob os indivíduos, especialmente do sexo feminino, com o intuito de dominação. Pode-se entender que o humor realizado por Carol Galais atua no sentido de apontar e satirizar estereótipos que podem estabelecer comportamentos micromachistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação feminina; Quadrinhos; Micromachismo.

Se a produção massiva de quadrinhos, em grande parte, continua localizada no universo masculino caucasiano, os espaços marginais concentram grandes movimentações de expressão artística de grupos sociais distantes da hegemonia. As representações femininas que pretendem discutir temáticas caras ao feminismo, tais como o trabalho, a igualdade e a sexualidade, ganham ainda mais liberdade de expressão nos *undergrounds* atuais. A artista espanhola Carol Galais faz parte desse

campo relativamente marginal de representação, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista da discussão sobre a legitimidade das sociedades falocêntricas.

Carol Galais nasceu em Terragona, no ano de 1979. É graduada em ciências políticas e está realizando seus estudos de pós-doutorado na Universidade de Montreal. Considera a sua atuação nos quadrinhos uma diversão sem nenhuma relação com seu trabalho em ciências políticas. É bastante atuante na produção de *fanzines* e na criação alternativa de quadrinhos, sendo a internet ambiente no qual se pode encontrar grande parte de seu trabalho<sup>1</sup>. Uma de suas principais criações é o *fanzine* **Tonterías del Rock**, que concentra, além de histórias em quadrinhos, informações sobre música.

Mesmo sem o apoio de grandes editoras, o trabalho da artista merece atenção. Em um fragmento de sua curta obra, Galais inverte a posição das tradicionais vítimas do humor nas obras que pretendem tratar sobre a temática da relação entre sexo e feminino. É comum que o humor desenvolvido sobre esse tema, nos quadrinhos, realize uma sátira sobre a situação da mulher após os movimentos de libertação desenvolvidos especialmente depois de 1960. As crises psicológicas e comportamentais percebidas socialmente a partir das libertações é tema constante na agenda humorística dos quadrinhos de temática sexual feminina.

Em grande parte, nos quadrinhos de Carol Galais o humor se realiza a partir dos mitos masculinos sobre a atividade sexual com mulheres. A sátira da artista acaba por ser uma potencial crítica aos micromachismos realizados no campo sexual em relação, especialmente, aos indivíduos do sexo feminino, por inserir o personagem masculino como objeto de riso.

De acordo com o psicanalista Luis Bonino (2004), o termo *micromachismo* enfatiza situações que não são de violência explícita de gênero e que, por isso, não sofrem condenação judicial. Nesse âmbito, entrariam as pequenas agressões verbais no intuito de rebaixar a condição feminina; a utilização de estereótipos de gênero como justificativas para a não realização do trabalho doméstico; os deboches humilhantes a respeito da condição feminina, nos quais os estereótipos são revisitados e reforçados.

Las microviolencias son pequeños, casi imperceptibles controles y abusos de poder cuasinormalizados que los varones ejecutan permanentemente. Son hábiles artes de dominio, maniobras que sin ser muy notables, restringen y violentan insidiosa y reiteradamente el

---

<sup>1</sup> Pode-se encontrar os quadrinhos de Galais nos sites CorderitoPatacomics, Tonterías Del Rock, Cretino, e nas revistas Tmeo.

poder personal, la autonomía y el equilibrio psíquico de las mujeres, atentando además contra la democratización de las relaciones. Dada su invisibilidad se ejercen generalmente con total impunidad. (BONINO, 2004, p.87).

As práticas micromachistas atualizam as relações de dominação entre os gêneros, já que são vistas como brandas e assim podem desenvolver-se sem grandes conflitos. Afeta homens e mulheres em suas relações sociais. Para Jane Flax (1995) a questão da desigualdade importa de maneira geral, da desigualdade entre indivíduos, homens ou mulheres, crianças ou adultos etc. Mas, destaca a autora, que

(...) esto no niega ni debe soslayar el hecho de que los hombres como grupo siguen estando privilegiados en relación con las mujeres en la mayoría de las sociedades y que existen fuerzas sistemáticas que generan, mantienen y repiten las relaciones de género de dominación. (p. 241).

Podemos considerar a produção humorística de muitas histórias em quadrinhos catalisadora dessas forças de regeneração de posições de dominação. A pressão exercida pelo riso, no entanto, compreendido por Bergson (1980) como gesto corretivo, pode constituir uma prática micromachista ou servir para combatê-la ou criticá-la.

Este texto pretende apontar, nos quadrinhos de Galais, como as representações estereotipadas sobre a relação entre os gêneros e as representações femininas podem servir à discussão sobre a legitimidade do poder masculino e das práticas micromachistas em nossas sociedades.

As histórias brevemente analisadas aqui estão vinculadas às maneiras de repressão do corpo feminino e às relações sexuais entre homens e mulheres. O humor realizado por Galais pode significar uma resposta a um conjunto de comportamentos que são fruto de determinado tipo de pressão social sobre as figuras femininas, como por exemplo, a pressão da beleza e de sua porta-voz, a moda.

## **A CRÍTICA À MODA E AOS ESTEREÓTIPOS FEMININOS**

A pressão social da moda, que tende a inferiorizar a mulher que não se enquadra em seus padrões e a inserir obrigações determinadas para que a mulher seja vista como tal, é um componente exemplificado na representação das práticas cotidianas femininas, dos universos micros, nos quadrinhos em questão. Em entrevista, a autora afirma que

(...) las mujeres estamos en el punto de mira de la industria desde hace unos doscientos años y desde los años 40 de manera mucho más agresiva. A los hombres están tratando de venderles también cosas superfluas desde hace unos 20 años pero no acaba de colar porque para comprar todo lo que les presentan como necesario deben renunciar a la concepción de masculinidad "macho" clásica. Así que, paradójicamente, las visiones tradicionales del machito peludo que huele a cabra les protegen de ataques a su seguridad, a su autoestima... con la intención de venderles mierda que no necesitan<sup>2</sup>.

A pressão social pelo cuidado com o corpo, em nossas sociedades modernas, fora um comportamento visualizado nas mulheres. Hoje a preocupação com a aparência pessoal não é mais privilégio feminino, sendo que os homens frequentam cada vez mais os espaços dedicados ao cuidado estético. Mas o aumento da preocupação masculina com a beleza ainda não realizou um equilíbrio de gênero nesse campo. Há uma diferença fundamental na influência do comportamento do cuidado com a beleza sob as identidades de gênero feminino, sendo que, esse aspecto é menos determinante na constituição identitária social masculina e, ainda como afirma Galais, contraria a determinação do que é ser masculino.

Um dos procedimentos de beleza bastante presente nos espaços dedicados a isso, tais como salões de beleza e centros estéticos, é a retirada dos pelos do corpo. O procedimento estético, que pode ser um padrão de moda, tem determinado a representação imagética do que é ser mulher e continua sendo uma temática de discussão feminista. A falta dessa técnica de beleza é um dos clichês utilizados para reprimir a figura da feminista, que, como forma de protesto, abdicou da prática estética.

Na história Barbie – Q (figura 1) a depilação é a temática central da narrativa.

---

<sup>2</sup> Entrevista em anexo.



Figura 1 - Barbie-Q, que digan lo que digan los pelos del culo<sup>3</sup>  
 Fonte: GALAIS, Carol. Disponível em <http://www.corderitopatacomics.com>

O quadrinho apresenta diferentes tipos de depilação da região genital. Na história, a personagem está buscando um salão de beleza para depilar-se e percebe que atualmente não basta aparar os pelos, mas que há maneiras distintas de retirar-los, conforme o desejo da consumidora e os padrões estéticos vigentes. São citados três tipos de depilação cujos nomes recebem explicações bem humoradas.

Entre os tipos, está o denominado “Brasileira”. Em entrevista concedida por e-mail, a autora fala sobre o que lhe vem em mente quando escuta falar sobre as

<sup>3</sup> Quadro 1: “Hoy me encuentro en una situación delicada”. Quadro 2: “Todo empezó el día que busqué por internet, un salón de belleza donde depilarme cerca de mi nuevo trabajo. Me enteré de que habían nuevos tipos de depilación de inglés que no conocía”. Quadro 3: “Inglés brasileña – el clásico mohicano, te dejan una línea de depilación testimonial. Inglés caribeña – arrasan con todo. Está bien si a tu novio le gusta merodear parvularios. Inglés play - ideal actrices porno y a ocasiones especiales – ¿esto? !Hay que probarlo!”. Quadro 4: “Fui al sitio donde la hacían y me trataron como en el ginecologo: túmbese y desnudese de cintura para abajo”. Quadro 5: “La mujer me virtió cera caliente por toda La biceptriz como en un videoclip de Madonna. Uaaarg! Eesooo ess...hasta aqui te puede pasar a tí”. Quadro 6: “Ahora, sin pelos, creerás que vas a la moda. Pero el último es quitarse también la flora intestinal. Tengo unas pastillas de Napalm y ... ¿no querrás ir por ahí con eso, no?”. Quadro 7: “Ha pasado una semana. En principio, bien, pero los pelos han crecido, se me han encarnado y estoy llena de furúnculos!”. Quadro 8: “¿Esto te parece duro? Hasta que no deje de echar napalm por el culo, no te vuelvo a comer el pago.”.

brasileiras: “Culos y bronceados perfectos. Promiscuidad. Playa, volleybol. Lo siento pero hablamos de estereotipos, y el de la mujeraza Brasileña es uno de los arquetipos por excelencia”<sup>4</sup>. A figura da mulher brasileira, como estereótipo sexual, é ressignificada pela indústria mundial de cosmética e pela moda. Tais indústrias suavizam a ideia da prostituição e da promiscuidade que faz parte desse estereótipo, pois a imagem da prostituta não é capitalizável, e aproveitam-se da sedução estética que realiza a representação simplificada da mulher brasileira.

A indústria da beleza, temática bastante comum na agenda feminista desenvolvida especialmente a partir de 1960, é satirizada por Carol Galais, que insere a personagem feminina como figura obtusa em relação às consequências do consumo dos produtos oferecidos pelas modas estéticas.

A narrativa da figura 1 pressupõe as próximas tendências da moda da depilação: a retirada da flora intestinal das mulheres. Para o procedimento, a esteticista representada no quadrinho sugere o uso do Napalm, componente utilizado como arma militar, relacionado a uma das fotos jornalísticas mais conhecidas mundialmente: de Kim Phuc, na época uma criança, fugindo nua depois de ter sua cidade atacada.

A autora imagina que o leitor pensará ser absurda a retirada da flora intestinal como procedimento de beleza, insere o suposto procedimento, dramatizado pelo uso do Napalm, ao lado dos diversos tipos de depilação já existentes, estabelecendo uma aproximação entre as duas práticas. A noção do absurdo da retirada da flora intestinal com Napalm é transferida para os processos de depilação, o que torna possível a crítica aos processos estéticos do tipo. A autora prevê o padrão moral do leitor para realizar o chiste. A retirada da flora intestinal é normalizada pela personagem esteticista, entrando no campo semântico de outras intervenções, tais como as cirurgias plásticas, implantes de próteses de silicone etc.

Os últimos quadros da história encaminham a narrativa para um final moralizante. A protagonista não conseguirá cumprir seu objetivo: agradar ao personagem masculino que aparece no final da história.

O personagem masculino está na narrativa como uma figura de autoridade. A personagem feminina, nesse sentido, que se submeteu às práticas dolorosas da depilação e da retirada da flora intestinal no intuito de agradar ao homem, é inserida como uma figura sem senso crítico.

---

4 Entrevista em anexo.

Com essa história o leitor de Galais é convocado a refletir sobre a falta de um pensamento crítico nos consumidores de algumas modas que colocam em risco a vida e saúde dos indivíduos. No entanto, não está presente a problemática psicológica do indivíduo frente ao mundo da moda, e da mulher frente às pressões sociais pelo cuidado com o corpo, o que faz com que a história perca em complexidade e ganhe um tom moralizante.

Por um lado, pode-se compreender a narrativa a partir de um ponto de vista feminista, de crítica as prisões femininas relacionadas à beleza. Por outro lado, o final moralizante infantiliza o feminino, inserindo-o em uma posição na qual o paternalismo sempre inseriu a mulher: emocionalmente instável, irracional e incapaz de cuidar de si. A figura masculina ao final da história reforça essa posição.

Já em “Mis Medidas”, contrariando a narrativa da figura 1, a imagem feminina representa criticidade em relação às exigências da moda.



Figura 2 - “Mis medidas”

Fonte: GALAIS, Carol. <http://www.corderitopataticomics.com>

Carol Galais satiriza os padrões de beleza determinados pela moda. As medidas exigidas de uma modelo, em geral, são exatas, tais como o exemplo apresentado na tira (90 de busto, 60 de cintura e 90 de quadris). A personagem faz uso do padrão de medidas da moda para humorizar seus sentidos. A ironia introduzida no primeiro quadro constituirá um discurso que indica como a moda e a economia para a qual a moda trabalha não estão de acordo com os padrões corporais representados pela personagem e por grande parte de suas consumidoras.

O corpo sempre fora motivo de restrições para as mulheres. Cuidar do corpo tem sido um imperativo que influencia de maneira ampla a condição feminina. Na hipótese

de ser a beleza principal elemento a constituir o feminino, o cuidado com o corpo é condição para essa identidade. Na tira da figura 2 há um deboche dos padrões de corpo a partir da substituição do corpo da top-model por outro corpo, o que não realiza as restrições necessárias para a obtenção de um padrão modelo.

O corpo da personagem representaria o oposto do que tem sido o corpo ideal feminino, aquele para o qual não são permitidas as libertações do dionisíaco. A narrativa apresenta um evidente contraste entre o suposto desejo feminino de ser bonita, representado pela presença da temática da moda, e a *parte maldita* da qual fala Georges Bataille (2005), representado pelo corpo livre da personagem.

É, aliás, notável como o campo escatológico tem sido, há várias gerações, restrito para a constituição das identidades femininas. Conforme Jean Shinoda Boen (1990), a respeito de pensamento de Betty Friedan, por exemplo, nossa sociedade não tem permitido às mulheres atenderem as suas necessidades naturais. As conquistas nesse campo são lentas e qualquer associação a ele e ao feminino pode servir como motivo de riso.

É curioso notar, que, contradizendo as restrições ao comportamento libertário, a mulher sempre fora associada à natureza, ao que não é racional e às emoções. Mas no momento em que a mulher poderia tirar proveito dessa associação à natureza e ao instinto, ela é reprimida e compelida a não fazer. A pressão social sob o corpo, representada nos quadrinhos de Galais pela moda, é também um instrumento que restringe o comportamento feminino do excesso, reprimindo a liberação dionisíaca. A opressão do corpo, dependendo da influência sob a condição feminina ou sob as identidades femininas, constitui uma prática micromachista que pode estar situada no campo da *violência simbólica*, da qual fala Pierre Bourdieu (2000).

Para Bourdieu (2000), o simbólico não se opõe ao real. A violência simbólica não significa uma violência imaginada. Dá-se no âmbito subjetivo, mas constitui ação que interfere no real de maneira objetiva. Conforme o pensador, a violência simbólica se estabelece a partir da adesão do dominado às estruturas que constituem o dominador e a dominação. Nessa relação, as marcas de poder são apagadas e há uma naturalização dos processos de dominação.

## **AS RELAÇÕES SEXUAIS ENTRE HOMENS E MULHERES**

Na história “6 Tópicos falsos sobre sexo y Tías”, a quadrinhista satiriza os discursos relativamente tradicionais, decorrentes de algum grau de libertação, quando as mulheres e suas relações sexuais já são um tema passível de discussão.



Figura 3 - “6 tópicos falsos sobre tías y sexo”

Fonte: <http://risinias.blogspot.com.es/2006/08/carol-galais-rockera-pasiva-y.html>

O primeiro quadro da história realiza a sátira ao imaginário tradicional sobre a relação entre as mulheres e o sexo. Está subentendida na narrativa quadrinizada uma ideia de que para as mulheres o corpo masculino não tem tanta importância, no ato sexual, quanto teria o corpo feminino para os homens. Nesse sentido, há um questionamento sobre o mito do tamanho do órgão reprodutor masculino. A representação da masculinidade nas nossas sociedades atuais está em ampla medida

vinculada às medidas matemáticas do órgão sexual do homem. Nesse campo, quanto maior for essa medida, mais próximo está o representante masculino de definir sua identidade varonil. O mito do tamanho, nos caminhos do texto de Galais, é constantemente suavizado pelas figuras femininas e suas representações, a partir do que se pode chamar generosidade feminina. Assim, no contexto popular, se diz: “o tamanho não importa”, discurso já incorporado pelas mulheres. Carol Galais entra no conjunto de outras vozes que contrariam o discurso que diz que para as mulheres o corpo masculino não é tão importante e reforça a ideia que define a masculinidade a partir do tamanho do órgão sexual.

O campo dos discursos representados no texto de Carol Galais está localizado nas construções imaginárias de nossas sociedades, lugar dos ditos populares, das crenças cotidianas que constroem identidades e permitem ou impedem as identificações individuais. A utilização do mito das medidas do órgão sexual masculino serve ao propósito de quebrar o estereótipo feminino da indiferença sexual em relação ao corpo do outro, do masculino. A artista é áspere com a crítica ao órgão sexual masculino que não apresenta as proporções que seriam adequadas, segundo o que ela representa.

A crítica constitui um deboche às práticas micromachistas desenvolvidas por muito tempo pelos homens, em relação, especialmente, ao corpo feminino. No entanto, a artista não deixa de ser, também ela, micromachista, já que reforça os estereótipos de masculinidade construídos pelas sociedades paternalistas, que constituem um campo de influência nos comportamentos masculinos.

Mas o machismo inaugurado por Galais, contraditoriamente, não serve aos propósitos desse mesmo pensamento. O discurso representado pelo texto de Carol Galais, sobre o órgão sexual masculino, evidencia como uma sociedade machista e falocêntrica pode ser cruel também com os homens, deixando clara uma crítica a esse tipo de desenvolvimento social.

Pode-se compreender a sátira de Galais como reforçadora do falocentrismo, o que não contribuiria para amenizar as práticas micromachistas. No entanto, as relações de gênero não estavam antes equilibradas para que essa sátira pudesse corresponder a uma defesa indiscriminada das mulheres e do feminino a partir da afirmação de estereótipos masculinos tradicionais. Nesse sentido, o caráter crítico fica evidente, pois não se trata de uma visão ahistórica sobre o que deve ser o corpo masculino, mas uma evidência de que a exigência de um corpo específico, e detalhadamente determinado, na

definição da identidade de gênero pode constituir instrumento de opressão para ambos os sexos.

O item número 4 é especialmente importante na demonstração de uma prática micromachista. Luis Bonino classificou o *micromachismo* em situações distintas e em geral elas se referem a pequenas ocasiões cotidianas nas quais o suposto poder masculino é reafirmado. Nesse sentido o humor pode servir às práticas micromachistas. Relembrando Henri Bergson (1980), o humor tem papel corretor e evidencia o que deve permanecer nas margens. Em última instância o humor com o órgão sexual feminino retomado pelo conteúdo do item 4 da figura 3 cumpre o papel de repressão sexual. No caso feminino, tal repressão do desejo, a partir da ideia da vergonha do órgão sexual, tem um peso significativo, já que essa temática fora, e tem sido, uma das últimas instâncias de permanência do pensamento machista. Essa repressão faz mais sentido sobre a figura feminina, pois as mulheres conquistaram inúmeras libertações sexuais, no sentido da naturalização do desejo sexual feminino. Essa libertação poderia significar o retrocesso do domínio masculino sobre o campo sexual, perda que as sociedades patriarcais e falocêntricas não aceitam de maneira passiva. Se agora as mulheres possuem o direito ao prazer sexual e apresentam maior autonomia nesse campo, estabelecer comportamentos masculinos dominantes já não é aceito de maneira fácil.

Na história da figura 2 o quadro que se refere ao item 4 desmente o dito popular sobre o órgão sexual feminino, contradiz o dito afirmando o mesmo do sexo oposto. Inverte a vítima tradicional do humor, que agora é a figura masculina. O humor, nesse caso, serve ao intuito de repressão da sexualidade masculina, instigando a mesma vergonha do órgão sexual.

O item número 6 evidencia os instrumentos utilizados pelas sociedades paternalistas para estabelecer as diferenças de gênero. De maneira polêmica, a autora debocha do estereótipo da sensibilidade feminina. O comportamento gentil desempenhado pela figura masculina representada nesse quadro, não significa a moral do “amai-vos uns aos outros” disseminada pelo pensamento religioso. A gentileza, aqui, serve aos propósitos de reposicionar a mulher em um lugar inferior. Nesse discurso está implícita a ideia do “dar vantagem aos mais fracos”, como uma forma de ação caridosa. O tópico satiriza o comportamento gentil caridoso masculino mesmo durante o ato sexual. É preciso deixar claro que o assunto abordado aqui é a vontade sexual, especialmente das personagens femininas, e, portanto, a discussão sobre a violência contra a mulher que esta tira poderia estimular não parece fazer sentido. A ideia da

gentileza, nesse caso, pode significar um comportamento micromachista, já que parte do pressuposto de que o outro, e nesse caso a mulher, deva ser protegida, em qualquer situação, pela figura masculina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem sido comum, no humor feminino que se constitui de maneira política e reivindicativa, a realização de uma inversão da agressão simbólica machista. O personagem vítima da agressão, que antes era o feminino, passa a ser o masculino. Pode-se pensar que essa prática não realiza o combate ao machismo, já que insere o preconceito do lado oposto do que sempre fora a vítima. Por outro lado, a simetria pressuposta para um jogo de opostos nunca se estabeleceu entre os gêneros.

Parece haver nos quadrinhos de Carol Galais dois motes que aparentemente são contraditórios. Por um lado, a autora critica os modelos de comportamento que aprisionariam as mulheres, tal como a moda. Por outro lado, insere as figuras femininas, em grande parte, como personagens ingênuas que não medem as conseqüências de seus atos. Parece haver, ainda, uma força crítica bastante evidente não somente em relação ao machismo, mas em relação às figuras femininas e como elas têm compreendido as práticas machistas desenvolvidas em nossas sociedades falocêntricas.

Se por um lado os quadrinhos da artista evidenciam uma crítica aos estereótipos de gênero, também, por vezes, negam a existência real do estereótipo. As identidades de gênero costumam sofrer inúmeras estereotipificações, o que não significa a inexistência no mundo social, de personalidades condizentes com os estereótipos. Nesse sentido, é dificultoso inserir o trabalho de Carol Galais em uma perspectiva feminista crítica, já que seu humor, em grande parte, inverte o lugar da vítima social, da figura feminina para a masculina. No entanto, tal inversão evidencia a permanência dos lugares de dominador e dominado, tradicionalmente desempenhados pelo homem e pela mulher, respectivamente. Seu trabalho atua no sentido de tornar visíveis, e ridículos, os modelos tradicionais do gênero.

Os micromachismos que podemos encontrar nas entrelinhas do texto de Galais fazem parte do tecido imaginário das pequenas humilhações. Sem registros e sem oficializações, o cotidiano do *micromachismo* sobrevive nas sociedades que mantêm um caráter paternalista e falocêntrico.

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **A parte maldita**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.

BONINO, Luis. Las microviolencias y sus efectos: claves para su detección”; In QUEMADA, Consuelo Ruiz-Jarabo, PRIETO, Pilar Blanco (coord.). **La violencia contra las mujeres : prevención y detección**. Madrid: Díaz de Santos, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **La dominación masculina**. Barcelona: Anagrama, 2000.

FLAX, Jane. **Psicoanálisis y feminismo: pensamientos fragmentarios**. Valencia: Ediciones Cátedra Universitat de València Instituto de la mujer, 1995.

GALAIS, Carol. **Barbie-Q, que digan lo que digan los pelos del culo**. Disponível em: <[http://www.corderitopatacomics.com/cmics3/barbi-q\\_digan\\_carol\\_galais.html](http://www.corderitopatacomics.com/cmics3/barbi-q_digan_carol_galais.html)>. Acesso em: 09 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **Mis medidas**. Disponível em: <<http://www.corderitopatacomics.com/comics/Galais/906090.html>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **6 tópicos falsos sobre tías y sexo**. Disponível em: <<http://risinias.blogspot.com.es/2006/08/carol-galais-rockera-pasiva-y.html>>. Acesso em: 09 jun. 2013

## ANEXOS

Entrevista concedida por Carol Galais, via email, em 15 de março de 2013.

**1.Primeramente, una sencilla presentación sobre usted, por favor (qué le motivó a crear historietas, a seguir su carrera en el campo de la política, sus cómics favoritos, etc.). ¿Qué destacaría usted de usted misma?**

Yo hago cómics sólo como hobby, no dibujo muy a menudo y tampoco sobre temática explícitamente política. Fue el hecho de ser lectora de cómics lo que me llevó a dibujar. Empecé a leer cómics porque mi padre lee cómics, y por eso no lo considero algo típico de niños ni tampoco de hombres... Mis cómics favoritos son "Y el último hombre" , casi todo lo que ha hecho Alan Moore, casi todo lo que ha hecho Alex Robinson... me gustan muchísimas cosas.

**2.Tiene un gran interés por el Rock y ha fundado el fanzine “Tonterías del Rock”. ¿Cómo ve usted la relación entre Rock y cómics?**

Bueno, ambas son expresiones de cultura popular, ambas son muy expresivas, emotivas y divertidas, y ambas me gustan mucho. Si te refieres a lo que tienen en común desde el punto de

vista de género, ambos son soportes de cultura tradicionalmente masculinos que han evolucionado recientemente reflejando un panorama más equilibrado

### **3. ¿Y el Rock entiende de género? Es decir, ¿Qué piensa usted sobre la relación entre Rock y femenino?**

El rock es un tipo de música potente, pesada, primitiva y sexual, hecha por hombres para hombres, desde el principio. Tenía a la mujer como objeto de deseo o de queja (por su herencia del Blues, como una bruja infiel), pero eso ha cambiado poco a poco, como lo ha hecho la sociedad. La presencia de músicos mujeres ha ayudado, obviamente.

### **4. ¿Cómo ve usted el femenino en el mundo de los cómics?(Tanto en relación a los personajes femeninos, como en relación a la producción de cómics por mujeres) y ¿Qué piensa usted sobre las representaciones femeninas en los cómics de humor españoles?**

El "cómics" es un medio más amplio que el rock... sería como preguntar por el papel de la mujer en la música... ha habido de todo, y casi siempre fiel reflejo de cada época. Desde mujeres objeto sexual (ver las Biblias de Tijuana o las mujeres de Manara, que tienen todas el mismo cuerpo y cara y ninguna personalidad), objeto de deseo, sacralizadas, idealizadas, victimizadas, puestas en un pedestal, hacendosas y sufridoras (cómics de superhéroes en los 60) , guapas-activas-ejecutivas despiadadas, golfas hedonistas sin complejos (hnos. Hernández)... hasta ahora. Depende de la época y del autor. Siempre ha habido personajes fuertes hasta en los cómics más falócratas, como Cónan. Ahí está RedSonja, la guerrera virgen que trae de cabeza al héroe bárbaro... pero aún así, hasta estas mujeres más fuertes suelen ocupar papeles secundarios. Hasta cierto punto es normal, puesto que los autores eran hombres y los lectores también eran principalmente hombres. Esoy leyéndome ahora "La cosa del pantano" de Alan Moore y, aunque este autor es muy progresista, en este cómic (83-84) la heroína es una mujer que necesita protección de un personaje arquetipo de lo paternal... no es muy diferente de Eve (V), pero es muy diferente de Promethea... depende. En algunas obras las mujeres representan lo racional y la mesura (Odio de Peter Bagge), en otras la naturaleza desbocada y salvaje (Crumb)... depende de tantas cosas! Particularmente me gustan mucho las mujeres de Alex Robinson, porque son extraordinariamente diversas, en lo físico, en lo intelectual y en lo emocional. Lamentablemente no soy una experta sobre dibujantes mujeres, pero sé que no son muy dadas a hacer humor. Todas las que me vienen a la cabeza (Julie Doucet, Alison Bechdel, Phoebe Gloekner, Satrapi) tienen un rollo intimista, dramático y autobiográfico, hasta cuando intentan hacer humor...

Las mujeres en los cómics de humor españoles... no sé... ¿te refieres a lo que puede salir en el Jueves, por ejemplo? Pues eso, durante los años 70 y 80 mucho humor de "teta!, jaja!" y más adelante más personajes femeninos (aún bastante tópicos) y cada vez menos. Aún así sigo viendo que la mayoría de las mujeres que dibujan cómics más ligeros, humorísticos, explotan mucho temas como la moda, las dificultades de comunicación con el otro género... (hasta yo lo hago), lo que indica que aún no está normalizado del todo como modelo de expresión. No abundan tanto los temas banales y cotidianos como entre los hombres, para los que ya es un soporte habitual y aún no tienen que "socializar" o aprovechar la ocasión para contar todo lo que se vienen callando como género desde hace décadas...

### **5. Con respecto a la creación de personajes femeninos. ¿Ve usted alguna diferencia entre la producción de artistas del sexo masculino y la producción de artistas del sexo femenino?**

Sí, claro. Las mujeres tienden a hacer mujeres protagonistas -muy a menudo con tintes autobiográficos- y los hombres a hacerlas secundarias, con todo lo que eso representa.

### **6. En sus historias está presente una sátira a la moda. ¿Ve usted diferencia entre hombres y mujeres con respecto a la influencia de la moda?**

Sí. Las mujeres estamos en el punto de mira de la industria desde hace unos doscientos años y desde los años 40 de manera mucho más agresiva. A los hombres están tratando de venderles también cosas superfluas desde hace unos 20 años pero no acaba de colar porque para comprar todo lo que les presentan como necesario deben renunciar a la concepción de masculinidad "macho" clásica. Así que, paradójicamente, las visiones tradicionales del machito peludo que huele a cabra les protegen de ataques a su seguridad, a su autoestima... con la intención de venderles mierda que no necesitan. Están más al margen de la industria de la moda que nosotros. Para darse

cuenta sólo hay que pasearse por unos grandes almacenes. En invierno, los maniqués masculinos visten ropa de manga larga y lana. Los femeninos tirantes... la ropa de hombre aún es funcional, la de las mujeres está hecha para el placer visual de los hombres y para competir entre ellas por la atención de ellos.

**7. Otra temática presente en sus historias es el comportamiento sexual femenino y masculino. En amplia medida, usted satiriza los estereotipos de género con respecto a ese comportamiento. ¿Qué piensa usted sobre el papel de los cómics en esta sátira/crítica?**

Bueno, espero que contribuyan a tomarse algunas cosas con humor. Y también a transmitir conocimientos, ojalá que puedan tener un papel educativo. En un cómic se pueden decir ciertas cosas (como que es muy difícil hacer que una mujer tenga un orgasmo sólo con una penetración vaginal sin ningún otro tipo de estímulo) que en una conversación sonarían demasiado técnicas, y sin que te tachen de frígida, gracias al humor...

**8. Usted es científica política y actuante en ese escenario. ¿Considera su opción académica y profesional determinante para la construcción de sus historietas?, ¿En qué medida la carrera de estudios de política le ha ayudado en la elaboración de sus historietas?**

No, al contrario, es una vía de escape a lo que hago para ganarme la vida. Cuando he intentado hacer historietas "educativas" sobre ciertos aspectos políticos me han quedado sosas y no se han publicado.

**9. ¿Qué piensa usted del machismo hoy? O sea, ¿Qué considera machismo hoy? En el campo de los cómics, ¿ya ha sufrido algún tipo de discriminación o constricción por ser mujer?**

Pues que es una mierda, qué voy a pensar... y que sobrevive entre los jóvenes en forma de micromachismos o de expectativas sobre la mujer (ha de ser guapa, delgada, estar maquillada, estar impecable) que no se tienen sobre el hombre. Una victoria del machismo es convencernos de que cuanto más golfas seamos, más contribuimos a la igualdad. En el mundo del cómic me he sentido fenomenalmente bien tratada. Incluso he sentido discriminación positiva hacia mí, pero no sé si por el hecho de ser mujer, joven, novel, amateur o todo a la vez.

**10. ¿Conoce algún cómic brasileño de humor con personajes femeninos? Si sí, cuál y qué piensa sobre él.**

No, no conozco ninguno, lo siento.

**11. La historia Barbie-Q, que está publicada en Corderito Patacomics, hace referencia a un tipo de depilación brasileña. Esa "manera de depilarse", de hecho es conocida en el mundo y bastante requerida en los salones de belleza. Si habláramos sobre mujeres brasileñas, ¿qué le viene a la mente?**

Culos y bronceados perfectos. Promiscuidad. Playa, volleybol. Lo siento pero hablamos de estereotipos, y el de la mujerza Brasileña es uno de los arquetipos por excelencia.

**12. Si quiera añadir algo más...**

Muchas gracias por su atención y gentileza.